

RESENHA

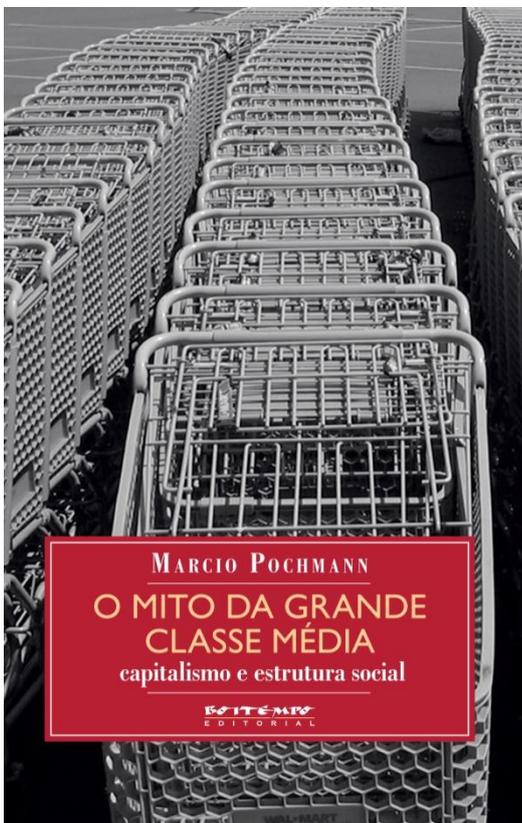
O Mito da Grande Classe Média: capitalismo e Estrutura Social

The myth of the great middle class: capitalism and social structure

Roberto Santana SANTOS¹

RESENHA/ BOOK REVIEW

POCHMANN, Marcio. **O mito da grande classe média**: capitalismo e estrutura social. São Paulo: Boitempo, 2014. 152 p.



¹ Doutorando em Políticas Públicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil). E-mail: <robertossrj@gmail.com>.

Marcio Pochmann é um intelectual necessário para aqueles interessados no debate do Brasil contemporâneo. Seus trabalhos acadêmicos e sua passagem no Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) entre 2007 e 2012, como presidente da instituição, sempre apontam para o estudo das transformações ocorridas na sociedade brasileira nas últimas décadas. Seu presente trabalho dá continuidade ao livro anterior², marcando posição na discussão sobre as transformações das classes sociais brasileiras durante o governo Lula nos anos 2000.

O ponto principal de análise no trabalho de Pochmann é a polêmica em relação à formação de uma suposta “nova classe média” no Brasil a partir da implementação das políticas socioeconômicas do governo petista. O aumento no consumo de produtos duráveis e serviços, assim como a elevação da renda dos trabalhadores e os mecanismos de distribuição de renda, como o Bolsa-Família, seriam a origem dessa mudança social dos últimos tempos

Pochmann defende que a utilização do termo “nova classe média” não só é insustentável frente aos dados (ponto forte e constante de suas obras), como enseja uma disputa política pelas transformações ocorridas na pirâmide social brasileira. Tanto os intelectuais identificados com uma lógica mercantil, quanto parte do próprio Partido dos Trabalhadores (PT) (do qual Pochmann é militante) defendem a noção de que o Brasil hoje é um país de classe média, ou ao menos, em vias de tal situação.

É refutando essa tese que o autor desenvolve seu trabalho, ao deixar bem claro, com farta utilização de dados, que não há um crescimento da classe média substancial no país que justifique os argumentos apresentados anteriormente. O que Pochmann nos revela é uma grande redução da base da pirâmide, ou seja, uma redução da miséria absoluta em termos monetários. Essas pessoas que ultrapassaram a linha de miséria engrossam a parte imediatamente acima, deixando de ser miseráveis e se tornando trabalhadores pobres. O extenso número de postos de emprego criados nos últimos doze anos está, em sua maioria, na faixa de 1,5 salário-mínimo, o que quer dizer atualmente, um pouco acima de mil reais.

Esse rendimento não pode, segundo Pochmann, ser identificado como classe média. São trabalhadores pobres das grandes cidades, que possuem hoje renda suficiente para consumir além dos produtos básicos, o que dinamiza a economia e amplia o mercado interno. Essa transformação foi possível graças a políticas de distribuição, como o Bolsa-Família, a valorização do salário-mínimo acima da inflação, a geração de postos formais de emprego e o crédito para o consumo.

A partir dessa formulação, Pochmann questiona a ideia de classe média enquanto pessoas com capacidade de consumir bens duráveis e ter acesso ao ensino superior (e, conseqüentemente, rendimentos mais altos do que a média da população). A modificação do padrão de consumo dos trabalhadores estaria em transformação no capitalismo periférico atual.

² Me refiro à excelente obra *Nova Classe Média?* São Paulo: Boitempo, 2012.

O que antes era tido como consumo de classe média, hoje é popularizado, devido a mudanças produtivas do capitalismo e a políticas públicas tomadas no sentido da distribuição de renda. O autor empreende uma grande análise da formação da classe média no sistema capitalista internacional, atentando a todo o momento, para as distinções dessa formação nos países periféricos quando comparados aos países centrais.

Dessa forma, podemos compreender que a própria burguesia era uma classe média na sociedade do Antigo Regime. Que, após o avanço do liberalismo e da Revolução Industrial, a classe média, formada por profissionais intelectuais ligados ao controle e administração do trabalho industrial, foi uma necessidade do capital em sua fase de livre-concorrência no século XIX. Com a monopolização cada vez mais crescente do mercado mundial no século XX e a formação de grandes empresas, a classe média se transmuta novamente, adotando a visão que a maioria tem desse extrato social: ensino superior somado ao consumo de bens duráveis (incluindo automóveis e casa própria).

Após a Segunda Guerra Mundial, o avanço das políticas keynesianas na Europa, Japão e Estados Unidos e a necessidade de se fazer oposição ao crescimento do bloco socialista liderado pela União Soviética trouxe profundas mudanças nos países centrais do capitalismo. A pressão do movimento dos trabalhadores organizados nesses países, somado ao contexto internacional da Guerra Fria, fez com que o Estado de bem-estar social assumisse os serviços sociais básicos e funcionasse numa lógica de pleno emprego, desafogando o consumo das famílias

trabalhadoras dos produtos e serviços básicos (alimentação, higiene pessoal, saúde, educação, etc), dinamizando o consumo de massas.

Para os países periféricos como o Brasil, Pochmann coloca que nunca houve essa massificação do mercado de bens duráveis e serviços aos trabalhadores. A não realização de reformas sociais modernizantes, como a reforma agrária, e a repressão contra a organização política dos trabalhadores (que clamavam justamente pelas reformas) foi o que levou a um crescimento econômico sem distribuição de renda no processo de industrialização brasileiro. Criou-se uma situação de subdesenvolvimento e subconsumo, no qual uma restrita elite, formada pela burguesia e pela classe média autóctone, convivia com uma massa de trabalhadores pauperizados, tendo sua renda restringida ao consumo mais básico, quando não à miséria absoluta.

No Brasil, ao longo do século XX, principalmente durante a Ditadura, se formou um parque industrial abrangente e complexo, mas que não foi acompanhado da formação de um mercado de massas do tipo fordista, devido ao consumo restrito da maioria da população, aliado a políticas elitistas, como uma carga tributária de impostos regressivos e direitos sociais não universalizados. Essa situação calamitosa foi ainda mais aprofundada com os ajustes neoliberais dos anos 1990.

As mudanças promovidas pelos governos do PT não criaram uma nova classe média como alardeado por alguns. O autor argumenta que houve na verdade uma incorporação de uma parte significativa da classe

trabalhadora ao consumo de bens duráveis e serviços, antes restringida a uma minoria. Isso se deu pela combinação de crescimento econômico com distribuição de renda. Trata-se de uma recomposição da classe trabalhadora em novas bases de consumo, e não em uma classe média.

Ao mesmo tempo, numa análise a parte que Pochmann dedica um capítulo inteiro, fica claro que a globalização capitalista, com a fragmentação do processo produtivo, barateou a produção de uma série de bens duráveis, notoriamente eletrodomésticos, inclusive computadores e *smartphones*.

Há, portanto, no capitalismo atual, uma necessidade de barateamento de mercadorias classificadas como bens duráveis para sua conseqüente popularização de consumo, já que seu processo de produção é monopolizado por grandes corporações, movimentando somas incontáveis de capital e tecnologia. Somente o consumo de massas em nível global pode dar conta de tamanha produção. Portanto, o consumo massivo de eletrodomésticos, automóveis e afins não é uma exclusividade da classe média no capitalismo contemporâneo, mas sim, uma necessidade do sistema.

A extensão desse consumo à classe trabalhadora, ou à parte dela, foi encarada com normalidade no capitalismo keynesiano da Guerra Fria. Sua adoção em países periféricos se torna realidade hoje, principalmente na Ásia. O Brasil entra para esse rol ao aplicar políticas de distribuição de renda e valorização dos rendimentos dos trabalhadores. Não se tratava de uma classe média no capitalismo central dos “anos dourados”,

nem tampouco se trata agora em nações periféricas como o Brasil.

O que Pochmann defende, aliado aos dados compilados, é que a ideia de “medianização” da sociedade capitalista, ou seja, que o desenvolvimento do capitalismo levaria a uma sociedade de classe média é uma grande falácia, um mito, como coloca o título do livro. O consumo de bens duráveis não é sinônimo de classe média, mas sim, uma combinação de uma necessidade de expansão do mercado de determinados produtos, junto com a pressão política dos trabalhadores organizados a quem esse tipo de consumo tinha sido negado até o momento.

Os signos de identificação da classe média se modificam ao longo do tempo, assim como o padrão de consumo de toda a população. Uma melhora nesses indicadores no Brasil atual se traduz não na formação de um novo estrato social, mas em um novo padrão de consumo da classe trabalhadora brasileira que está em consonância com as modificações ocorridas em âmbito internacional do capitalismo.

Dessa forma, o novo trabalho de Marcio Pochmann se apresenta como leitura obrigatória a todos das áreas de ciências sociais e humanas e também a leitores avulsos que procuram entender as reais modificações que ocorrem na estrutura social brasileira atual.